

Enid Blyton

Os **CINCO**

NA CASA DO MOCHO

**OFICINA
DO LIVRO**

ÍNDICE

1. Os Cinco fazem planos para as férias	11
2. Na estrada, sozinhos	21
3. Um dia maravilhoso – e uma noite maravilhosa	31
4. Richard	39
5. Seis em vez de cinco	47
6. Passam-se coisas estranhas	57
7. O Richard conta uma história alarmante	67
8. Qual a melhor coisa a fazer?	77
9. Aventura ao luar	87
10. A Casa do Mocho na Colina do Mocho	95
11. Apanhados!	105
12. O Júlio faz umas explorações	115
13. Um estranho segredo	125
14. O Rooky fica muito zangado	135
15. Prisioneiros!	145
16. A Aggie – e o Hunchy	155
17. O Júlio tem uma ideia brilhante	163
18. À procura do Richard!	173
19. A aventura do Richard	183
20. O quarto secreto	193
21. Um final muito empolgante!	203

1. OS CINCO FAZEM PLANOS PARA AS FÉRIAS

— Francamente, Alberto, és *mesmo* difícil! — disse a tia Clara ao marido.

As quatro crianças estavam sentadas à mesa, a tomar o pequeno-almoço, com um ar muito interessado. O que teria o tio Alberto feito desta vez? O Júlio piscou o olho ao David, e a Ana deu um pontapé à Zé por baixo da mesa. Será que o tio Alberto ia ter uma explosão de fúria, como acontecia tantas vezes?

Tinha uma carta na mão, que a mulher lhe devolvera depois de ler. E era a carta que estava a causar aquele tumulto todo. O tio Alberto franziu o sobrolho — e decidiu não perder a cabeça. Em vez disso, falou com toda a delicadeza.

— Minha querida Clara... Como é que queres que me lembre com exatidão de quando é que começam as férias das crianças e se as vão passar cá ou com a tua irmã? Só sei que tenho o meu trabalho científico para fazer, e que, neste momento, é muitíssimo importante. Não posso

ter presente quando é que as aulas dos miúdos começam ou acabam!

— Mas podes sempre perguntar-me! — retorquiu a tia Clara, exasperada. — Francamente, Alberto, como é que te esqueceste de tudo o que combinámos sobre o Júlio, o David e a Ana virem cá passar as férias da Páscoa, porque gostam tanto de Kirrin e de estar perto do mar nesta altura do ano? Disseste que ias arranjar maneira de ir para as tuas conferências *depois* das férias deles... não a meio!

— Mas as aulas acabaram tão tarde! — ripostou o tio Alberto. — Não sabia que isso ia acontecer.

— Mas sabias que a Páscoa é mais tarde este ano, por isso é que as aulas acabaram mais tarde — disse a tia Clara, com um suspiro.

— O pai jamais faria esse raciocínio — comentou a Zé. — O que é que se passa, mãe? O pai quer ir-se embora a meio das nossas férias, é isso?

— Sim — confirmou a tia Clara, estendendo a mão para voltar a pegar na carta. — Deixem-me ver... Teria de partir daqui a dois dias, e eu teria de ir com ele. Mas nem me passa pela cabeça deixar-vos aqui sozinhos, sem mais ninguém em casa. Se a Joana não estivesse doente, não havia problema, mas ela só regressa dentro de uma semana ou duas.

A Joana era a cozinheira. As crianças gostavam muito dela e tinham ficado muito tristes ao dar pela sua falta quando chegaram para passar as férias.

— Sabemos tomar conta de nós próprios — disse o David. — A Ana é uma excelente cozinheira.

— Todos podemos ajudar — acrescentou a Zé.

Chamava-se, na verdade, Maria José, mas toda a gente a tratava por Zé. A mãe sorriu.

— Oh, Zé! Da última vez que cozeste um ovo, deixaste-o no tacho até ficar completamente mirrado! Não me parece que os outros vão apreciar lá muito os teus cozinhados...

— Foi só porque me esqueci de que o ovo estava lá — justificou-se a Zé. — Fui buscar o relógio para controlar o tempo e, a meio do caminho, lembrei-me de que o *Tim* ainda não tinha almoçado e...

— Sim, já todos ouvimos essa história várias vezes — disse a mãe, com uma gargalhada. — O *Tim* lá acabou por almoçar, mas o teu pai ficou sem lanche...

— ão-ão — fez o *Tim*, debaixo da mesa, ao ouvir o seu nome.

Deu uma lambidela no pé da Zé, só para a recordar de que estava ali.

— Vamos voltar ao que interessa — interrompeu o tio Alberto, impaciente. — Tenho de ir a estas conferências. Vou lá apresentar uns estudos muito importantes. Não tens de vir comigo, Clara... Podes ficar cá, a tomar conta das crianças.

— Não é preciso — retorquiu a Zé. — Podemos fazer uma coisa que sempre quisemos muito fazer, mas que achámos que teríamos de adiar até às férias de verão...

— Oh, *sim!* — exclamou imediatamente a Ana. — Pois podíamos! Vamos a isso!

— Sim, também gostava muito — corroborou o David.

— Bem... estão a falar do *quê*? — quis saber a tia Clara. — Não faço ideia. Mas aviso já: se for alguma coisa perigosa, nem pensem!

— Mas *alguma vez* nos metemos em alguma coisa perigosa?! — exclamou a Zé.

— Dezenas de vezes — respondeu a mãe. — Vá, digam lá: que plano é esse?

— Não é nada de especial — começou o Júlio. — É que as nossas bicicletas estão em ótimo estado, tia Clara, e a tia sabe que nos ofereceu duas tendas das mais pequenas no Natal... por isso, achámos que ia ser muito divertido sair por aí durante uns dias nas bicicletas, com as tendas às costas, para explorar um bocadinho o campo aqui à volta.

— O tempo está fantástico, ia ser tão divertido! — acrescentou o David. — Quer dizer... se nos deu as tendas, tia Clara, é porque estava a pensar que íamos utilizá-las, certo? E aqui está a nossa oportunidade!

— A minha ideia era que as usassem no jardim, ou na praia — explicou a tia Clara. — Da última vez que foram acampar, tinham o Sr. Luffy convosco, para tomar conta de vocês. Não gosto nada que andem por aí sem mais ninguém, com as tendas.

— Oh, Clara! O *Júlio* pode perfeitamente tomar conta dos outros — explodiu o tio Alberto, cada vez mais impaciente. — Deixa-os ir! Por mim, confio no Júlio para

manter os outros debaixo de olho e garantir que estão a salvo.

— Obrigado, tio — agradeceu o Júlio, que não estava habituado a receber elogios do tio Alberto. Olhou para as outras crianças, com um grande sorriso nos lábios. — Não custa nada manter estes miúdos debaixo de olho, embora a Ana às vezes seja *muito* difícil!

A Ana abriu a boca, indignada. Era a mais pequena dos quatro, e a única que era, de facto, fácil de controlar. Mas reparou no sorriso do irmão e percebeu que ele estava a meter-se com ela, claro está. Devolveu-lhe o sorriso.

— Prometo que vou ser boazinha — disse, numa voz inocente, ao tio Alberto.

Ele pareceu surpreendido.

— Bem, eu pensaria que a Zé era a única difícil de... — começou, mas parou, assim que viu o sobrolho franzido da mulher, à laia de aviso... A Zé *era* difícil, mas estar sempre a referi-lo não contribuía em nada para resolver o problema!

— Alberto, tu nunca percebes quando é que o Júlio está a brincar, pois não? — comentou a tia Clara. — Bem, se achas *mesmo* que ele pode ficar responsável pelos outros, e que os podemos deixar ir por aí numa excursão de bicicleta com as tendas novas...

— Sim! Está resolvido! — gritou a Zé. — Vamos já amanhã! Vamos...

— ZÉ! Não é preciso gritar dessa maneira! — admoestou a mãe. — Sabes bem que o teu pai não gosta

disso. E conseguiste deixar o *Tim* num belo estado de excitação, já viste? Anda a correr à volta da sala como se estivesse doido! — Deita-te lá, *Tim*!

O tio Alberto levantou-se para sair da sala. Detestava quando as refeições acabavam num pandemónio. Ia tropeçando no *Tim*, que continuava desvairado, e desapareceu, aliviado, porta fora. Como aquela casa ficava quando lá estavam as quatro crianças e o cão!

— Oh, tia Clara, podemos mesmo partir já amanhã? — perguntou a Ana, com os olhos a brilhar. — Está um tempo primaveril maravilhoso... A sério, até parece que já é julho! Quase nem vai ser preciso levar roupa quente.

— Se é isso que pensam, então não vão a lado nenhum — avisou a tia Clara, com firmeza. — Hoje pode estar imenso calor e o sol brilhar, mas sabem bem que em abril não podemos esperar dois dias iguais. Amanhã, se calhar, vai chover a potes, e no dia a seguir pode cair neve! Vou dar-te algum dinheiro, Júlio, para poderem ficar num hotel, se for preciso.

As quatro crianças decidiram logo que o tempo jamais estaria suficientemente mau para ser preciso irem para um hotel!

— Não vai ser divertido? — perguntou o David. — Vamos escolher onde é que dormimos todas as noites, e depois é só montar lá as tendas. E podemos passar metade da noite a andar de bicicleta ao luar, se nos apetecer!

— Ooooh! Andar de bicicleta ao luar! Nunca fiz tal coisa! — exclamou a Ana. — Soa maravilhoso!

— Ainda bem que há algo que vos apetece fazer enquanto estamos por fora — confessou a tia Clara. — Com toda a sinceridade, estou casada com o vosso tio Alberto há tantos anos, e ele continua a arranjar estas confusões todas nas minhas costas! Bem, é melhor não perder mais tempo hoje, têm de decidir o que é que precisam de levar.

De repente, tudo se tornou tremendamente empolgante. As quatro crianças despacharam as tarefas matinais — fazer as camas e arrumar os quartos —, conversando umas com as outras, aos berros.

— Quem havia de dizer que vamos partir por aí só nós os quatro... já amanhã! — disse o David, puxando os lençóis e as mantas ao molho.

— David! — gritou a Ana, chocada com tanto desmazelo. — Não podes fazer a cama dessa maneira!

— Oh, não *posso*? — ripostou o irmão. — Espera só! E também vou fazer a do Júlio assim, por isso faz lá a tua como te apetecer, Ana; enfia bem as pontas debaixo do colchão, bate as almofadas, faz festas ao cobertor... diverte-te como quizeres com a tua cama, mas deixa-me fazer a minha à minha maneira! Espera até estarmos no nosso passeio de bicicleta... Aí, não te vais preocupar com camas, basta enrolares o saco-cama... e já está!

Acabou de fazer a cama enquanto falava, puxando para cima a colcha toda amarrotada e enfiando o pijama debaixo da almofada. A Ana riu-se e foi fazer a dela. Também estava muito entusiasmada. Os dias alongavam-se à sua frente, cheios de sol e sítios desconhecidos, colinas

maiores e mais pequenas, piqueniques à beira da estrada, passeios de bicicleta ao luar — o David estaria a falar a sério? Parecia maravilhoso!

Estiveram todos muito ocupados nesse dia, a enfiar nas mochilas as coisas de que iam precisar, enrolando as tendas para que ocupassem o mínimo de espaço possível, quando fossem atadas às bagageiras; estiveram também a vasculhar a despensa à procura de comida para levar e a escolher os mapas que lhes pareciam mais úteis.

O *Tim* sabia que estavam de partida para algum sítio, e, claro está, tinha a certeza de que também ia. Por isso, estava tão excitado como eles, ladrando e batendo com a cauda no chão. Passou o dia inteiro a atravessar-se no caminho de toda a gente, mas ninguém se importou — o *Tim* era um deles, um dos Cinco, e conseguia fazer praticamente tudo o que eles faziam, tirando falar. Nem lhes passava pela cabeça ir a algum lado sem o *Tim*!

— Achas que o *Tim* não vai ter problemas em acompanhar-vos nas bicicletas durante tantos quilómetros? — perguntou a tia Clara ao Júlio.

— Oh, claro que não! — respondeu o rapaz. — Para ele, não importa se andamos muito ou pouco. Não se preocupe connosco, tia Clara. Sabe que o *Tim* é um excelente guarda.

— Sim, sei — confirmou a tia. — Nem vos deixava ir assim, e com tanta facilidade, se não soubesse que o *Tim* ia estar convosco. É tão bom como um adulto para tomar conta de vocês!

— ão-ão — concordou o *Tim*.

A Zé riu-se.

— Ele está a dizer que é tão bom como dois adultos, mãe! — disse, enquanto o *Tim* batia com a cauda enorme no chão.

— ão-ão-ão — acrescentou.

Estava a dizer: «dois, não — três!»

